



UM SANTO-IMPERADOR MEDIEVAL NA TERCEIRA REPÚBLICA FRANCESA: ANÁLISE DE UMA RECEPÇÃO DE CARLOS MAGNO NO PERIÓDICO *LE PETIT JOURNAL* (1892)

GREGORY RAMOS OLIVEIRA¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gramosoliv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Uma das figuras mais emblemáticas da “Ocidente” europeu, Carlos Magno foi o primeiro a receber o título de *Imperator* do outrora Oeste Romano desde a queda de Romulus Augustulus, após aproximadamente três séculos. Responsável por diversas modificações culturais e políticas durante a efêmera ascensão da França, sua contribuição para os “Estados” medievais seria sentida também no campo educacional, um dos elementos que se somariam ao “mito Carolíngio” relacionado à sua imagem, conforme os séculos avançavam, a ideia de uma “Renascença Carolíngia” (TROMPF, 1973 e NELSON, 1997) continuamente corroborou o papel do monarca enquanto precursor da expansão da cultura (germânica ou francesa), conforme o nacionalismo do século XIX imaginaria (WILSON, 2007).

A canonização de “São Carlos Magno”, num movimento adotado por Frederico I Barbarossa durante o contexto das investiduras (SULOVSKY, 2016), teve reverberações ao longo do séculos, em ambas as principais partes sucessoras da herdade carolíngia: o Reino da França e a Alemanha Imperial. Para além dos limites desses corpos políticos, a figura de “São Carlos Magno” sobrevive aos turbulentos séculos que antecedem a contemporaneidade.

O presente trabalho constitui uma análise da apropriação da figura de Carlos Magno através das lentes de um jornal conservador francês dentro do “longo século XIX”. Assim como diversas outras figuras, de Arminius, o Querusco (SILVA e ALBUQUERQUE, 2017) à Joana D’arc (DAVIES, 2010), Carlos Magno é apropriado do passado por um presente distinto de seu contexto. Da forma como o monarca é imaginado, percebemos diversos elementos atribuídos por fontes produzidas logo após sua morte, e a própria recepção em questão é apenas uma dentre várias “vidas” de Carlos Magno através das lentes de diferentes artistas, jornalistas, escritores, músicos e etc. Nesse sentido, é importante delimitarmos como recorte espaço-temporal a Terceira República Francesa (1870-1940), em especial sua composição política, haja vista a presença de monarquistas entre a direita após a queda do Segundo Império em paralelo à republicanos moderados, o que indicaria um contexto mais complexo da adoção da figura de Carlos Magno para além de um apelo à monarquia.

Neste trabalho, iremos explorar uma recepção do imperador franco num suplemento do jornal francês conservador *Le Petit Journal*, principalmente através da análise da ilustração produzida pelo artista Jacques “Henri” Meyer. Os objetivos são buscar compreender que contextos envolveriam a utilização de “São Carlos Magno”, principalmente tendo em vista a composição política da Terceira República: o que teria motivado a apropriação da figura de “São Carlos Magno” entre escritores e cartunistas de um jornal da Terceira República Francesa e de que forma um rei cristão medieval é interpretado pelo contexto de produção dessa obra.



2. METODOLOGIA

Neste trabalho, usarei o método analítico-comparativo entre fontes primárias textuais e iconográficas, buscando compreender os motivos por trás da recepção de “São Carlos Magno” no periódico selecionado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho corresponde à etapa mais recente da minha contribuição ao projeto de pesquisa “Releituras do Medievo: A recepção do Idade Média (*Mittelalterrezeption*) do século XIX ao XXI”, coordenado pela minha orientadora. Desde 2018, trabalho com recepções de Carlos Magno, desde sua imagem em *Vita Karoli Magni* (OLIVEIRA, 2019) até sua presença em um jornal da França da última década do século XIX, objeto selecionado para esse estudo.

A presença de Carlos Magno no mundo contemporâneo baseia-se principalmente na noção de que o monarca dos francos era, de certa forma, um precursor de diversos valores nacionais atribuídos à sua figura desde que o relato da Batalha de Roncevaux (772) transformou-se na épica *Chanson de Roland*. Do século XII ao XIV, a canção que modifica o evento “oficial” para substituir os bascos católicos por “sarracenos”, atribuindo um tom “cruzadístico” às diversas narrativas heróicas de Carlos Magno e dos “Doze Pares”.

A medida que os séculos avançavam, não somente Carlos Magno passa a receber a “nacionalidade” francesa como a germânica. Elementos como a piedade do rei e imperador medieval competiam com o apelo à cultura escrita, a expansão territorial em nome da Cristandade Ocidental também apresentavam-se enquanto “evidências” de raízes nacionais modernas que convergiam em um único monarca. A preocupação em “nacionalizar” Carlos Magno não restringe-se ao contexto da modernidade, e inclui a beatificação carolíngia tanto pelos germânicos quanto por franceses (WILSON, 2007). No entanto, a figura de “São Carlos Magno” apresenta-se, em especial para certos grupos da sociedade francesa da modernidade, não somente como um dos ícones ao nacionalismo do Antigo Regime, um dos *grandes homens* à serem louvados por sua contribuição à nação francesa (BELL, 2003), como também o responsável pelo que foi considerado como uma “Renascença Carolíngia”. É através dessas características que “São Carlos Magno” será representado no trigésimo segundo *Supplément Illustré* do *Le Petit Journal*¹, cuja página final retrata o monarca. O *Supplément Illustré* semanal, publicado aos sábados, teve um sucesso considerável entre os consumidores. Uma gravura colorida ocupava a primeira e a última página, enquanto as outras páginas possuem pequenas imagens em preto-e-branco, “com um comentário suave sobre temas convencionais, do heroísmo ao crime (...) complementa o diário [do restante da semana] e, quando este aborda a política, trata dos mesmos temas, expressa as mesmas opiniões” (PONTY, 1977). O conteúdo do *Supplément Illustré* era anunciado nas edições anteriores, como pode ser localizado nos cinco exemplares que antecederam o dia 30 de janeiro de 1892 (10.623, 10.624, 10.625, 10.626 e 10.627), de terça à sábado.

O “São Carlos Magno” do *Petit Journal* apresenta uma série de elementos próprios de outras recepções do monarca. O rei ocupa aproximadamente toda a metade direita da imagem. Trajando uma longa túnica vermelha sobre uma túnica branca com detalhes dourados e uma cota de malhas, Carlos Magno está

1 MEYER, Jacques (Henri). La Saint-Charlemagne. Disponível em
<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k715949m/f8.item.r=1892%201892.zoom>>

posicionado de costas e perfil para o leitor, erguendo uma taça com a mão direita e segurando o pomo de sua espada imperial com a esquerda. sob seus pés e em toda a parte inferior da imagem, nuvens apoiam-no, como se o “santo-imperador” estivesse em uma dimensão espiritual, um santo vindo dos céus para abençoar os alunos da Universidade de Paris. Em segundo plano, estão trinta e seis universitários, saudando o santo-patrono. Os jovens uniformizados também erguem taças, ao redor de uma mesa. Ao fundo, no lado esquerdo de uma grande janela que ocupa o centro da imagem e da parede posterior, vemos um busto feminino sobre cinco bandeiras tricolores da República Francesa.

Aquela figura, que encontra-se do lado exatamente oposto à Carlos Magno, é Marianne. É emblemático que Marianne e Carlos Magno, um símbolo da república e o rei-modelo, o presente e o passado, compartilhem a mesma imagem. A representação feminina da República faz parte dos símbolos institucionalizados na tradição nacional da Terceira República. Diferentemente dos Estados Unidos da América ou de vários países latino-americanos, onde o culto aos “Pais Fundadores” ou aos “Libertadores” era baseado em líderes reais, a França (que, no século anterior tinha também seu culto aos “grandes homens”), adota símbolos mais gerais, assim como muitos estados-nacionais europeus fariam: a bandeira tricolor, o monograma da República (RF), o lema (liberdade, igualdade e fraternidade), o hino (a *Marseillaise*) e Marianne, “símbolo da república e da liberdade em si” (HOBBSAWM, 1983).

Na imagem analisada percebemos então duas interpretações mitificadas da nação francesa pelo século XIX de forma aparentemente concorrente. Diferente de outros exemplos de uso do passado presentificado e observando (abençoando?) o presente, como as diversas evocações ao passado Antigo e Medieval Germânico no contexto da unificação alemã, a República Francesa buscava a evocação de líderes e de um passado diferente do que a monarquia francesa havia imaginado. Essa aparente contradição ignora, no entanto, que o culto ao “Santo-Rei” não houvesse sido ressignificado. Ainda que o *Petit Journal* fosse um periódico conservador, a evocação à *Saint-Charlemagne* não se trata de uma nostalgia anti-republicana, mas antes uma “lembrança” da contribuição do monarca para a civilização francesa, que se pressupunha um bem para toda a humanidade (ELIAS, 1994).

4. CONCLUSÕES

Argumento então que a peça não constitui uma propaganda monarquista *per se*, mas apresenta-se dentro de um contexto que ressignifica elementos do passado e os adapta para salientar novos discursos. É necessário compreendermos que o fenômeno de presentificação do passado e adoção de determinadas figuras históricas enquanto representantes de discursos e contextos presentes não se limita ao tempo presente. Havia de forma concomitante, pensando na Terceira República, diferentes formas de encarar o passado monárquico da “nação”, por mais imaginária que possa ser a atribuição de gentílicos modernos ao passado medieval. Saliento ainda para a necessidade da abordagem de diferentes recepções, em um contexto que, a princípio, apresenta-se enquanto uniforme, mas cuja complexidade permite uma ampla interpretação à respeito do impacto dessas produções para o processo de construção de interpretações acerca de diferentes nações e seus supostos “precursores”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BELL, D. A. **The Cult of the Nation in France**: Inventing Nationalism, 1680-1800. 5. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

DAVIES, Peter. The Front National and Catholicism: from intégrisme to Joan of Arc and Clovis. In: **Religion Compass**, n. 4, 2010, p. 576-587.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HOBSBAWM, E. Mass-Producing traditions: Europe, 1870-1914. In: _____ e RANGER, T. (ed.). **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. Cap. 7, p. 263-307.

NELSON, J. L. On the limits of the Carolingian Renaissance. **Studies in Church History**. Cambridge, v. 14, p. 51-69, 1977.

OLIVEIRA, Gregory. Vita Karoli Magni: A construção de um Basileus Ocidental e Imperador Cristão. In: BASILIO, A. B. et. al (Org.) **Pesquisa em Ciências Humanas**: caminhos trabalhados na graduação. Pelotas: BasiBooks, 2019, p.182-193.

PASSMORE, K. **The Right in France from the Third Republic to Vichy**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

PONTY, Janine. “Le Petit Journal” et l’Affaire Dreyfus (1897-1899): analyse de contenu. In: **Revue d’histoire moderne et contemporaine**, Paris, v.24, n.4, p. 641-656, out.-dez. 1977 .

SILVA, D. G. G., e ALBUQUERQUE, M. C. “Hail Arminius! O Pai dos Alemães”: a construção mítica da unificação Alemã entre 1808 e 1875. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 330-355, mai-ago. 2017.

SULOVSKY, V. The Franks in the early Ideology of Frederick Barbarossa (1152-1158). In: **Tabula – Journal of the Faculty of Humanities**, Pula, n.14, p 43-59, 2016.

TROMPF, G. W. The Concept of Carolingian Renaissance. In: **Journal of Historical Ideas**, Philadelphia, v. 34, n.1, p. 3-26, jan.-mar.1973.

WILSON, D. **Charlemagne**: A Biography. New York: Vintage Books, 2007.